

todo o mais já não espera:

a escrita feita a carvão de
roque antonio de soares junior

Cris Torres*

De um escritor imagina-se que sempre possa ter a clareza de seus gestos e talvez uma identidade sobre aquilo que desenha na página: a pausa, a respiração, a cor do grafite que se imprime, a escolha do tempo em verbo, em ausência, em silêncio. De um escritor, talvez nós, leitores, esperemos alguma resposta, se não sempre, talvez em dias mais ásperos feitos degris, de nuvem, de gritos. E tocamos a ler, dentro do rumor de um tear muito nosso, particular, aquilo que lá está, escrito pelo outro, que passa a ser uma espécie de voz paralela a algumas vozes que guardamos, dentro, muito nossas. E às vezes parece que exigimos invisíveis segredos, seguramos em abismos alheios aquilo que não tivemos coragem de experimentar.

* Cris Torres é doutora em Literatura Brasileira pela USP, mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. É professora no curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira - PUC-SP (Cogeae) desde 2008. E-mail para contato: prof.cristorres@uol.com.br

De um escritor, às vezes, queremos uma explicação quase exata, ontológica, metafísica, daquilo que foi dito assim, inesperadamente, sem explicação. Mas talvez nem ele, o escritor, tenha a resposta – geralmente não tem. E seguimos, cúmplices de negativas, os caminhos do narrar.

Em uma outra ponta da leitura, outra tarefa – esta da qual me visto agora – a do crítico. Que precisa lembrar que a literatura não existe para nos permitir, por procuração, experimentar ou ser alguma coisa. Ela apenas é um lugar para se habitar, se tivermos coragem – porque há o irremediável inscrito aí: será pouco o chão, será aguda a fala, será excessivo o porvir. Assim é. E ponto. E o crítico sabe que andar por palavra alheia é caminho pelo qual se segue de “mãos pensas” recusando o saber que a máquina do mundo nos oferta... porque é preciso tocar a alteridade pelas margens para que não haja sombra (a nossa) demais sobre o texto. Giorgio Agamben aponta, no prefácio de seu *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*, que quando a palavra crítica aparece no vocabulário da filosofia ocidental “... crítica significa sobretudo investigação sobre os limites do conhecimento, sobre aquilo que, precisamente, não é possível nem colocar nem apreender” (AGAMBEN, 2007, p.09). Com tal responsabilidade nas mãos, dou-me a ler os textos de Roque Antonio Soares Júnior e encontro-me com uma curiosa alegria.

Percebo que ler seus três textos é um pouco como experimentar ausências – eles oferecem um deslocamento de cenas e impressões nascidos de uma espécie de pedido de urgência. Em “Ana” encontramos: “Talvez seja a idade, Ana, e você ausente. Esta clareza rude sobre o limite das coisas, lembranças sem raízes me doendo nestas salinas...”. Podemos perceber que, de saída, a dor cobre a modulação do narrador e o guiará em variáveis chamados – de amor, de raiva, de faltas. E o

narrador pergunta (a quem, mesmo?): “Mas de que importa, vê?”. Uma constatação que enuncia seu avesso, pois há tudo o que importa mais adiante. Há um “anseio único e bastante” revelado pelo narrador: “NÃO SER INFELIZ”. Há uma sentença afirmativa que vem colada a um porvir, ainda que posta em caixa alta e ainda que entoe um simulado sim. E há mais. O narrador nos dá seu nome, uma carta e uma finitude: “Responda por esta porta entreaberta por quem quer que me visite, nesta sua carta que me acalma porque há de vir do dia e dirá: Ouça Pablo!”. E resgato o seu “NÃO SER INFELIZ” nessa caixa alta para perguntar: por que a caixa alta? Marca residual em negativo? Forma para materializar seu incômodo e sua ironia? Já não sei se haveria mais força se você tivesse trazido este desejo em latência, mas entendo que às vezes o que se há de fazer é gritar, apenas.

Agora, o que encontro mais adiante é de uma beleza ímpar: “Me afasto por que não posso em mim o que não tem limites...”. Esta afirmativa dá uma densidade de reflexão ao texto e figura como uma mediação interessante entre o estado de perda que Ana dá ao narrador e o caminho que ele precisa atravessar. Que seja talvez a carta e toda a ausência, inscrita ao final do texto como fragmento, ou pouso de seu pedido:

“Dessa sua carta, Ana, canção do longe, já me pousou aos ouvidos um rumor, seu grito:

O adeus, o fim

todo o mais já não espera me basto.”

E vou seguindo na leitura dando-me conta de que todos os narradores, dos três textos, aparecem em primeira (primeiríssima) pessoa, costurando sobre tudo algo que faz roçar com força a vida na experiência literária, em camada muito fina. Perigosa escolha do narrar. Mas

percebo que o autor não constrói um lugar comum de desafetos por meio de metáforas desgastadas e cansadas. Tem-se mais na prosa de Roque – a presença de um narrador que poderia perder-se no vazio confessional dá lugar a uma força enunciativa que tensiona o duro do real ora a uma economia discursiva, ora a uma ressonância interminável do externo, cujo resultado se mostra em períodos longos e frases povoadas de adjetivações.

Algumas vezes, confesso, chego a ouvir, nesse discurso invadido por um lirismo um tanto ingênuo, o Carrasozza de *Caderno de um ausente*. Reconheço também em “Ana” um narrar comovido por sua própria impossibilidade de tocar o outro e de capturar para esse outro impressões condensadas. Em um primeiro momento, o reconhecimento dessa ressonância provocou-me o barthesiano “levantar da cabeça” num gesto preocupado em encontrar no correr dos textos a consciência de uma mediação necessária para se construir uma singularidade autoral. Mas aos poucos fui ouvindo uma procura legítima, pouco anunciada talvez, todavia presente, de uma prosa que não parafraseia mas que se deixa, também, atravessar por uma consciência do imponderável quando a escrita se tingiu de inoperosidade frente ao experienciado. Se ainda em “Ana” encontramos uma modulação aguda (“Esta clareza rude sobre o limite das coisas, lembranças sem raízes me doendo nestas salinas...”) e desassossegada (“E por força desta fissura (ausência, saudade, você) neste meu querer só, é que lhe escrevo sem aguardar que leia, que me entenda, sem saber de sua casa.”), é possível encontrar em “Olhos de moscas” um registro bem menos lírico e próximo a um humor modernista.

Na primeira cena: “Moscas varejeiras sobrevoam lentas sob a tarde escura e tropical.” As moscas estão por toda parte e a escolha da “tarde tropical” traz uma atmosfera abafada que cruza a leitura em um recorte

instigante. Junto com as moscas, Atualpa (Athualpa), imagem do último imperador inca, enuncia um destino agonizante para si e para sua América, ao que parece: “Sim, me chamo João para morrer” / “e um gancho atravessou a garganta do Peru.” Essa atmosfera moribunda é levada para o registro prosaico onde o narrador (ou eu-lírico?) espera, na tarde lenta tocada pelas moscas, a sentença de uma possível leitora sobre aquilo que ali se apresenta: “Eu cá com minhas moscas aguardo um olhar enquanto você diz: - Isso me lembra Drummond, não o poema, mas o profundo que ele causa. - Lê novamente em voz alta, espera um comentário.” Aqui, tudo indo muito bem nesta composição que oscila entre a morosidade melancólica e o humor ágil, não fosse o tom explicativo, que vaza uma desnecessária banalidade, inserido na fala: “ - Isso me lembra Drummond, não o poema, mas o profundo que ele causa”. Registro meu *senão* a essa passagem, que não contribui positivamente para o desenvolvimento da ideia. Mas, à parte isso, Roque Antonio de Soares Junior, que interessante texto, sim, lúcido pelas escolhas dos recortes e das imagens tão bem condensadas, tanto que, ao final, encontramos uma cápsula quase móvel e independente:

As moscas se infernizam,

sinto chegar a tempestade anunciada, que haverá de transbordar,

inundar a casa,

nafragar nossas vidas.

Ainda que nos olhes.

O que é este quadro, Soares Junior? Se não o exemplo de um traçado inteligente que, quando não

tingido demais por aquela tinta da pessoalidade, sabe incorporar ao texto a poesia capaz de acionar nossa imaginação pela condensação flagrante dos recortes que você propõe no texto. Vou percebendo, pela leitura desses poucos textos, que você tem certa vocação para a metonímia, ou, se digo melhor, para uma construção que privilegia os vazios, os recortes, as pequenas partes e que nos deixa ver, em filigrana, a rede totalizantedesses cortes sob a terra poética que você vai apalpando, sem pressa. Posso arriscar dizer que o caminho de sua escrita aponta para uma literatura que se deseja continuar a ler e, ainda que eu recolha aqui alguns atropelos de excessiva subjetividade, o seu fazer revela uma densidade poética que importa olhar. Lembro agora de Paul Valéry (1991), quando nos dá a precisa e bela imagem da poesia como uma dança e da prosa como um caminhar e penso no ritmo de seus textos. Veja, a prosa poética entende que dança e caminhada se enlaçam, fazendo do texto um lugar de convivência que põe à prova limites, gêneros, etiquetas e esse é o lugar por onde você conduz sua palavra. Palavra feita de sangue, eu poderia dizer, em uma imagem desgastada. Poderia repetir, em insistente mau gosto, palavra feita de sangue – porque seu extrato é esse, ainda que também vestido de ironia e humor.

Agora, Soares Junior, em “DE EXTRATO ARTIFICIAL DE VIDA, NA ANTESSALA DO MUNDO”, o que você vem aqui sublinhar? De saída, o leitor precisa de um pouco mais de fôlego para ler o extenso período que abre o texto. Reproduzo-o:

No instante em que a moça desentendeu, um zumbido crescente rasgou a escuridão, a realidade gotejou no ritmo das luzes em pânico e num turbilhão de sons e impressões visuais vagas se impôs juntamente com a claridade plena, dissolvendo a fantasia que fundo se

instalara em mim, tanto e tanto, que muito mais do que olhos, pela alma violentada, foi que me apercebi do signo da realidade puramente estético ressurgido lento em estrutura fria, vil, cheirando vida e verdades eternas. Permaneci imóvel na antessala do mundo.

Confesso queo exercício de seu fazer, nesse texto, é menos interessantes como construção, é mais frágil, talvez um pouco incompleto – apesar de ter bons momentos e belas imagens– mas aqui eu reclamo uma falta de proposição. Uma queixa cobre seu texto, a modulação apresenta um desassossego e um cansaço em expressões como: “realidade gotejou no ritmo das luzes em pânico”; “pela alma violentada”; “Permaneci imóvel na antessala do mundo”. O narrador se contaimóvel diante de um lugar que não conseguimos – propositalmente ou não – identificar. O que é essa “antessala do mundo”? O leitor a visita como um espaço onírico, há uma evocação de cenas que parecem visões e ruídos quase apocalípticos (“Imaginei quem assimilaria a vida e traduziria em ideia tão rígida e desprovida de acessos. Em seguida, um gargalhar metálico, repleto de prazer sincero escapou do coração de quem matara a família.”), compondo um quadro desordenado em que tudo mergulha. Assim, por meio de umamodulação confessional e desgostosa, o cenário se monta e acena para uma proposta que provoca curiosidade no leitor, mas se dissolve às vezes rapidamente, pois a linha que arremeda o narrar é frágil e se rompe em momentos como “Aos poucos fui me nutrindo de sentimentos alienígenas projetados, desprovidos de verdade calcinante: DE EXTRATO ARTIFICIAL DE VIDA, NA ANTESSALA DO MUNDO.”E de novo a caixa alta. O que sua literatura deseja tanto sublinhar, gritar, fazer ver? Não é necessário que o texto seja tingido desta nódoa... ela talvez diga bem menos do que um pequeno rumor..., não?

Mais adiante, o texto é interrompido por uma outra voz que aparece registrada em fonte distinta. Lemos:

“Ouvi:

... Sim, é assim que devem ser as coisas, não nos cabem buscas. Afinal, de que nos valeria uma razão que não redime. O que está em nós não se renderia à complexa fragilidade dos fatos dissecados que impulsionam a ação, está em nós como uma lei e pronto..”.

Em cena transversal, esta sentença agrega mais um halo onírico ao texto – mas o que se nota de boa intenção construtiva no parágrafo seguinte (“Um choro resignado veio e se extinguiu sem forças. Imaginei quem assimilaria a vida e traduziria em ideia tão rígida e desprovida de acessos. Em seguida, um gargalhar metálico, repleto de prazer sincero escapou do coração de quem matara a família.”) se perde num tom profético e dramático representado em imagens como “Trinta anos depois recomeçaram pelo fim, terras áridas estavam cobertas de verde, todas as faces de saudade, nada se conservara a ponto de ser reconhecido...”.

Apesar de caótico, é possível irmos acompanhando a experiência limite na qual parece mergulhar o narrador, certa ordem da desmedida, certa presença de uma *hybris* conseguem, de fato, dar uma dimensão meio fantasmagórica ao texto que poderia ser bastante significativa e interessante, não fosse a sensação de vertigem estrutural que o texto acaba revelando.

Mais uma vez, o final do texto traz aquela cápsula quase independente à qual já me referi. Cito:

Uma música funda embebia a tela de uma solidão minha e ritmava o compasso do que se repetia:

ILUSÃO, ENTRA A CASA É SUA...

Meu Deus! Que maravilha,
a ilusão lhe obedecia
e ao seu passo tudo era como antes.

Uma tela aparece marcada por uma solidão, um ritmo, uma ilusão. Os desdobramentos possíveis para a escolha da palavra *tela* como fecho do texto são muitos e, neste universo do possível, segurado pelas mãos do ritmo onírico da narrativa de Roque Antonio de Soares Junior, o leitor insiste e permanece experimentando toda esta “ilusão”, pois que a literatura é, de fato, sua casa. Mas nesta “antessala do mundo”, a música tocou rápida demais. Às vezes é preciso ter calma, olhar de novo o que desaguamos sobre a tela, não é?

Enfim, agora eu que negrito que **foi um prazer** escutar seus textos, Soares Junior. Há neles uma promessa que gosto de ouvir, há neles um traço sagaz, profundo e inteligente. É isso.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

VALÉRY, Paul. “Poesia e pensamento abstrato”, in: *Variadas*. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1991.

Título: *Opiniões - Revista dos Alunos de Literatura Brasileira*

Ano: 2015

Volume: 5

Número: 6/7

Formato: 21 cm x 21 cm

Fontes: Corbel (Jeremy Tankard) e Opiniões (Cláudio Lima)

Número de páginas: 285

Versão: online

